

# Seção II

# *Memórias*



# A relação desigualdade social e educação no contexto da pandemia

*Aliny Dayany Pereira de Medeiros Pranto*

*Daniela Amaral Freitas*

*Karyne Dias Coutinho*

05

**E**ra março de 2020. O Brasil e boa parte do mundo foram convocados a parar. Por quanto tempo? Não sabíamos. A princípio, alguns/algumas acreditaram que por 15 dias, ou talvez um mês. No entanto, já se passaram quatro meses e as nossas escolas permanecem fechadas. Milhões de crianças, jovens e adultos permanecem fora dos prédios escolares e ainda não temos clareza do impacto da pandemia e desses meses de isolamento sobre as subjetividades de alunos/as e professores/as, sobre as novas configurações de organização e funcionamento da dinâmica escolar, sobre rumos da educação. Todavia, entre tantas incertezas, algo é certo: a pandemia deixou evidente as desigualdades sociais do Brasil e como o direito à educação permanece como pauta de luta.

Alguém desavisado da realidade brasileira poderia supor que frente à pandemia, o país, na esteira de diversos outros, tem conseguido implantar e fazer funcionar a educação remota, com todos e todas em seus “LARES”, ensinando e aprendendo. Todavia, as desigualdades – que vão desde acesso a equipamentos e tecnologia para se produzir e acompanhar as aulas a um ambiente tranquilo, organizado e propício ao trabalho e ao estudo – foram escancaradas. Ficou claro que o “lar”, como mostra a historiadora Lilia Schwarcz (2020), é uma construção burguesa que transforma e idealiza a casa, vendo-a como espaço de aconchego, paz e proteção. Todavia, em um país de muitas riquezas, mas que não as distribui de forma minimamente justa ou igualitária, somos impulsionados/as a inquirir: quem de fato tem lar no Brasil? Tem casa, moradia digna? Tem acesso a equipamentos e tecnologias ou mesmo espaço e estrutura para se trabalhar e estudar? Todos/as sabe-

mos que a resposta é desoladora. Diante disso, como assegurar direito à educação a todos/as brasileiros/as, sobretudo em um momento de grave crise sanitária e isolamento social?

As questões acima permearam as discussões promovidas pela Janela 2 durante o primeiro dia do II Ciclo de Diálogos Universidade Escola, em 20 de julho de 2020. Nossos/as convidados/as são pessoas que conhecem o assunto e vivenciam-no diária e cotidianamente. São eles/as: a Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Márcia Maria Gurgel, na condição de secretária adjunta de Educação do Rio Grande do Norte; o Prof. Dr. Jaime Biella, do Departamento de Filosofia da UFRN, e o Prof. Ms. Edilberto Cleuton dos Santos, gestor da Escola Municipal Prof<sup>ª</sup> Jacira Medeiros de Sousa Silva Lima, em Parnamirim (RN).

Na tarde do dia 20 de julho, eles e ela não nos trouxeram fórmulas mágicas, tampouco receitas de como enfrentar os desafios postos, mas traçaram um painel histórico com múltiplas origens de nossas desigualdades sociais e da nossa História da Educação, bipartida em dois modelos de escola, uma para os ricos e outra para os pobres. Além disso, retomaram o quanto a pandemia explicitou nossos problemas sociais e expôs os “invisíveis” que habitam este país. O quadro geral traçado pelos/as convidados/as diagnosticou um provável aprofundamento do fosso que separa a escola dos ricos, da dos pobres, caso não interfiramos a tempo. Apontaram ainda a necessidade: de manter contato, por diferentes vias, com estudantes e suas famílias; de buscar assegurar ao menos um mínimo de aprendizado (e não somente de conteúdos conceituais) e de flexibilizar o ano letivo de 2020, talvez ainda o de 2021 também, a fim de que as perdas sejam minoradas.

A professora Dr<sup>a</sup> Márcia Maria Gurgel falou sobre os desafios de assegurar acesso de todos/as à educação e sobre a responsabilidade do estado do Rio Grande do Norte sobre a vida de seus/suas estudantes. Sinalizou para o fato de que a retomada presencial só ocorrerá se houver condições sanitárias satisfatórias, já que acima de tudo, assevera, é preciso preservar a vida e a saúde de estudantes e equipes de trabalhadores/as. Ela finalizou destacando ainda a necessidade de se pensar os anos letivos de 2020 e 2021 de forma flexível, para que tenhamos o mínimo de perdas possível.

O professor Dr. Jaime Biella traçou um panorama histórico e nos mostrou que o problema da desigualdade brasileira não é algo recente, ou fruto exclusivo da pandemia. Ao contrário, ele tem raízes em uma proposta de escola que foi organizada de forma distinta a depender do público a que se destinava, sendo por muitas vezes excludente e segregacionista. Sinalizou ainda para a necessidade de se pensar estratégias de ensino remoto para além da internet, visto que nem todos/as em nosso país dispõem dos recursos necessários a essa modalidade. Por fim, sugeriu a criação de redes de solidariedade entre professores/as, famílias e estudantes, para que juntos/as possamos enfrentar melhor os desafios trazidos por esta crise sanitária.

O professor Ms. Edilberto Cleuton dos Santos apontou para o fato de a pandemia ter exposto os/as “invisíveis” do nosso país, aqueles/as que por vezes costumam ser tratados/as apenas como números. Convidou-nos a perceber como o momento adverso fez com que as desigualdades ficassem ainda mais expostas. Exemplificou, a partir da realidade de sua es-

cola, como foram atrás das famílias e tentaram manter uma aproximação com a comunidade, para que os/as estudantes não ficassem completamente distantes neste momento. Demonstrou preocupação com esse longo período de afastamento e com o resultado de todo este cenário. E concluiu que é preciso manter o otimismo e pensar formas de promover a educação neste atual contexto.

Na segunda etapa, a partir de perguntas do público, tivemos uma intensa discussão. Nem todas as questões puderam ser feitas, haja vista seu grande volume. A maior parte versava sobre o que fazer para reduzir as desigualdades sociais e não permitir que elas interferissem diretamente na educação (sobretudo em tempos de pandemia), e também sobre como assegurar um ensino remoto de qualidade, considerando uma sociedade tão desigual quanto a nossa. Houve ainda muitos comentários do público afirmando a urgência de se criar alternativas criativas para não deixar os/as estudantes sem qualquer acompanhamento durante este período e citaram ações de alguns municípios que têm utilizado plataformas online, mas também aulas pelo sistema de rádio e TV das cidades.

Encerramos a sessão cientes de que os desafios e riscos são muitos e extrapolam os de ordem sanitária e biológica. Sensibilizados/as com as questões colocadas para reflexão nesta Janela de diálogos, ficamos com o sentimento de que será preciso empatia, disposição, solidariedade, mas também inconformismo e luta para que não lancemos toda uma geração a condições de vida ainda mais precárias. Isso porque, em um país como o nosso, educar é um dos poucos verbos que pode ser sinônimo de trans

formar.

**Referência:**

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sobre o autoritarismo brasileiro. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

---

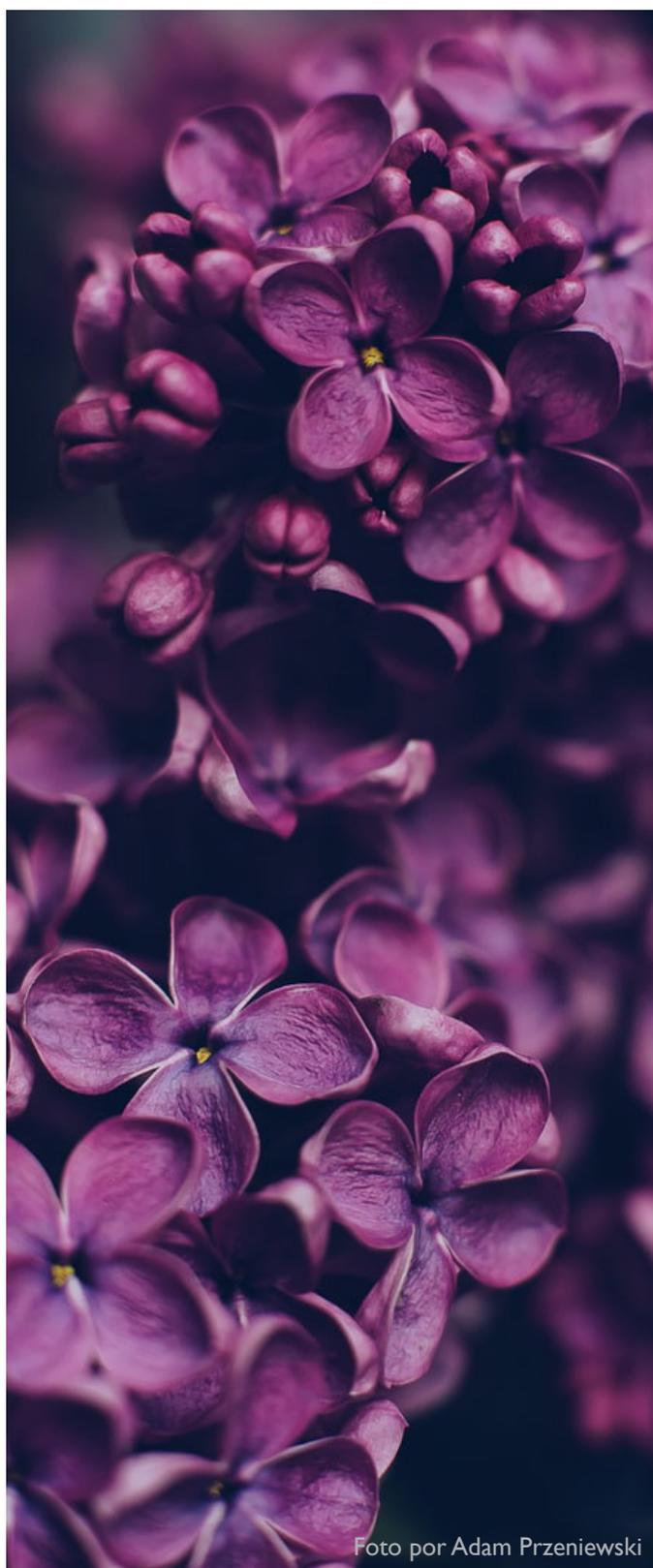


Foto por Adam Przeniewski